

caboclo', que é como todo mundo derretidamente a ele se refere, pondo porém nesse possessivo, inconscientemente, certo sentido deprimente, como quem se refere a um ser estranho, ou anormal, com o qual malgrado todas as suas admiráveis prendas, ninguém, no fundo, quer ser aparentado. . . Entretanto, quem topou de perto e teve com o tal caboclo, tanto no vale paulista do Paraíba, como em qualquer outra velha zona do Estado, não pode deixar de anuir, sendo sincero, em que o *Jeca Tatu* de Lobato é o mais fiel, completo e rigoroso retrato que de um tipo jamais se fez. Por toda parte, à beira da Central do Brasil, da Sorocabana, da Paulista, da Araraquarense, da Mogiana, ou nos arredores, mesmo, de S. Paulo, é o 'nosso' caboclo o mesmíssimo piolho da terra, preguiçoso, vadio, feio, sujo, regularmente bronco, poço de superstições e de não-presta, tal qual, senão mais ainda, o viu e retratou Lobato. Um que outro, por exceção, será algo matreiro, ou ladino, esperteza que entretanto somente aplica em empulhar ou tapear o próximo, tirar o corpo a toda e qualquer espécie de responsabilidade, em furtar-se a qualquer obrigação ou esforço metódico e portanto útil e produtivo"(277).

Ora, o que a pena agílima de Lobato, a palavra acatada de Rui, o lápis de alguns ilustradores e, principalmente, os meios de divulgação então vigentes, livro e jornal, acabaram por fazer, em prejuízo da realidade, e contribuindo para que as atenções dela se distanciassem, era retratar superficial e fielmente um feixe de mazelas, sem indagar de suas causas. Exato nos detalhes exteriores — preguiçoso, ignorante, doente, desmazelado, improdutivo — o *Jeca* falseava o que havia de profundo nessas mazelas todas e distraía a curiosidade que as buscasse. O próprio Lobato reconheceria isso, muito mais tarde, mas o mal já estava feito. O que não se queria ver era a verdade do latifúndio: o *Jeca* era o produto humano e natural do latifúndio, a representação de sua fonte de miséria, de ignorância, de superstição, de atraso, de doença, de improdutividade. De sorte que, ao fim de contas, era um falso retrato e, de toda maneira, um falso tipo. E isso era divulgado, essa deformação da realidade, quando S. Paulo contava já, em 1920, com cerca de 20 editoras, representando capital entre 3500 e 4000 contos de réis; lançando 203 títulos no ano, com tiragem global superior a 900 000 exemplares, sendo 2/3 de livros didáticos e apenas 100 000 de literatura; *Urupês* vendera 8000 exemplares, em 1920; *Alma Cabocla*, de Paulo Setúbal, 6000, em duas edições, — tudo conforme dados da *Revista do Brasil*, em seu número 63, de março de 1921. O que

(277) Leo Vaz: op. cit., págs. 90/91.